



Minchetti (a esquerda) encontra galera do CERJ na Floresta da Tijuca



Expediente 2008

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente:

Luiz Antônio Puppim

Secretário:

José de Oliveira Barros

Tesoureiros:

1- Mônica Esteves

2- Gabriela Matos

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Rafael Villaça

Daniel Schulz

Diretora Social:

Liane Leobons

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação:

Elma Porto

Conselho Deliberativo:

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Membros efetivos

Carlos Carrozino

Gustavo Iribarne

Maria Aparecida (Cida) Gama

Boletim informativo do CERJ

Diagramação: Roberto Metri

Os artigos assinados não representam, necessariamente, a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

Adeus grande companheiro Raimundo Luiz Minchetti, amigo sincero de todos que conviveram com você.

Vamos levar muitas saudades, das excursões que realizamos juntos por todos estes últimos anos.

Você com sua voz pausada e precisa, foi o baluarte para acalmar-me, pois sempre fui “Pavio Curto” , impetuoso nas nossas escaladas.

Lembro-me bem na última escalada juntos para conquistar a face leste do nariz (pico) da freira, você, eu e Eduardo M. Gomes (CEP). Quando faltavam aproximadamente uns 200 m para alcançar o cume, fomos surpreendidos por uma tremenda tempestade e tivemos que bater em retirada; eu insisti para continuarmos e alcançar o pico, que estava tão perto... e você, com a voz pausada, firme, convincente falou “Salô, a linha de chegada está lá embaixo – na base, não no cume - é hora de honrar a montanha e a própria vida”

A decisão de fazer a meia volta nunca é fácil. Voltar é que são elas... mormente quando se está a meia hora de trepa mato e desistir... Assim era o Minchetti.

Também, lembro-me bem, quando você insistiu em documentar a conquista da chaminé Giuseppe Pellegrini após a conquista dessa pela “Galera do CERJ”. Com sua máquina fotográfica e eu com minha pranchetinha pendurada na cintura... lá fomos nós, fotografando e desenhando com detalhes os grampos colocados... ao final das fotos e desenhos surgiu um documentário muito bom! Ufa... que trabalho!!

O Caminho das Orquídeas, foi gratificante, encurtou o percurso para a Agulha do Diabo, e também tornou-se “oficial” pelo PNSO, pois o antigo caminho pelo Vale do São João, hoje é área de preservação.

Agora penso, meu amigo Minchetti, que você, com certeza, está subindo altas montanhas dos Deuses, olhando lá do alto, e acompanhando seus amigos... com seu leve sorriso, incentivando os novos montanhistas, que, com certeza vão honrar a suas conquistas.

Companheiro, breve estarei ao seu lado escalando, se os Deuses da montanha assim desejarem.

Do seu eterno amigo
Salomith Fernandes

Programação

Data	Atividade	Local	Tipo	Reponsável
04.05	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Sávio
10.05	Travesia São Pedro x Mirante do Inferno	PNSO	Caminhada pesada com rappel	Wal
10.05	Escalavrado	PNSO	Caminhada semi-pesada com trechos de escalada (1º I)	Miriam Bamo
10.05	Cara de Cão	PNSO	Caminhada pesada com dormida no Abrigo 4	JP, Zé e Puppim
17.05	Corcovado, saindo do Parque Lage	PNT	Caminhada leve-superior	Muniz
22 a 25.05	Travessia Marins x Itaguapé	Serra da Mantiqueira	Caminhada pesada com acampamento	JP, Zé e Miriam Bamo
01.06	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Sávio



Aniversariantes



Maio

- 01 - Antonio Carlos Jatobá
- Gustavo de Paula
- 02 - Ana Claudia Diniz
- 04 - Alfredo da Costa Neto
- Jorge Fernando Mitrano
- José Carlos Muniz Moreira
- 06 - Ronaldo Paes
- 09 - Eneida Arent
- 10 - Rogério Thees
- 13 - Domingos Sávio Teixeira
- Eval Olympio Egito
- Roberto Metri(Beto)
- 14 - Carlos Alberto Carrozzino

- 16 - Walter Chaverry Velloso
- Diego Scofano Moura Mello
- 17 - Joy Ann Scott
- 21- Solange Conde Marcello
- 23 - Maria de Lourdes C Figueiredo
- 24 - Luiz Carlos Guedes F de Souza
- 25 - Marcus Rocha Marques
- 30 - Guido José Gomes Ferraz
- Francelle Jacobsen



O MINCHETTI QUE CONHECI

1966 foi o ano em que conheci Raimundo Minchetti. Estávamos na Floresta da Tijuca, Thiers Meireles e eu, quando o encontramos, no início do caminho do Papagaio voltando de uma Serrilha, nós íamos para o Papagaio e ele resolveu nos acompanhar...

Isso significava que ele já havia ido ao Papagaio e iria fazer sua segunda caminhada naquele sábado... “só para acompanhar o amigo Thiers”.

Esse foi um sábado importante para mim... pois já havíamos encontrado três figuras emblemáticas, quando se trata de falar em caminhantes da Floresta da Tijuca: Tarcy, Pitaluga e Bandeira... A todos, o Thiers ofereceu carona para chegar ao Bom Retiro (na época Thiers possuía um Jipe, que mais tarde trocou por uma Kombi). No Bom Retiro cada um deles tomou um caminho e nós dois decidimos seguir para o Papagaio, quando encontramos o Minchetti.

“A principal característica dele era falar sobre montanha... nada de papo sobre trabalho, política ou qualquer outra coisa que não fosse montanha...”

A principal característica dele era falar sobre montanha... nada de papo sobre trabalho, política ou qualquer outra coisa que não fosse montanha... Nos cumprimentos iniciais ao Thiers foi perguntado sobre a família, mas como algo que as boas maneiras exigem... Nada de alongar esse tipo de conversa... Já na segunda frase vinha um comentário sobre a atividade da semana passada... algo na Serra de Petrópolis, que não me recordo agora.

Seguimos até a bifurcação Cocanha/Papagaio e Minchetti nos perguntou se nos incomodaríamos de alterar nosso itinerário e com isso fomos ao Cocanha e exploramos um pouco as pedras do lugar. A disposição dele nessa época era de fazer inveja... sua mochila tinha de tudo um pouco... sua indumentária já foi comentada... (bermuda caqui, sem camisa, uma bota Trappeur).

Ficamos mais ou menos uma hora no

Cocanha e retornamos pelo mesmo caminho... ele aceitou a carona até a Sans Peña e somente retornei a vê-lo no Açú em maio ou junho de 1967. Eu havia decidido caminhar sozinho até o Açú para treinar orientação e no final da tarde vi duas pessoas vindo da Isabeloca... era o Minchetti e mais um montanhista que eu não conhecia... Minchetti me disse que ele era do Petropolitano e estavam indo na manhã seguinte para os Portais de Hércules. Perguntei se poderia acompanhá-los e ele disse que sim, pois iria apenas dar umas conferidas na área.

Sáimos cedo e fomos para uma das regiões do PNSO mais impressionantes em termos de visual. São paredões imensos que se precipitam até o Vale do rio Soberbo. Minchetti já estava com planos para descer aqueles paredões e estava ali para calcular o que necessitaria na aventura... grampos, píttons, cordas, estribos, martelos e comida... foi ele que me explicou a boa mistura do “porcil” uma gororoba de farinhas e cereais que servia para tudo (beber, tomar como sopa, comer como farofa...).

Na primeira semana de outubro de 1968 o Thiers me convida para ir com o Minchetti ao Papagaio... eu não sabia que ele já estava pensando em conquistar uma via no Papagaio... Ele era fã daquela montanha e dizia que ela poderia ser um verdadeiro Campo

Escola se fosse “preparada” para isso.

Estivemos andando pelos matos da base até que Minchetti achou uma possibilidade de abrir uma via. “vamos voltar aqui nas próximas semanas... vocês querem participar dessa? Thiers e eu dissemos que estaríamos com ele... e assim começou meu aprendizado de conquista...

No dia 26 de outubro seguimos para o Papagaio e fomos até a área que Minchetti havia pesquisado e vimos que havia uma chaminé de meio corpo (do tipo que existia no “lance do chapéu” no Marumbi). Minchetti me perguntou se eu queria experimentar essa ralação... eu disse que sim e ele falou “então manda brasa”... o lance acabou ficando com esse nome... coloquei uma cunha de madeira para trazer os dois até o diedro e ali Minchetti me ensinou a bater um grampo de 3/8 e ele foi colocar um piton no diedro para dar segurança na colocação do outro grampo de 3/8.

A foto na página 72 do Guia de Escaladas e Trilhas da Floresta da Tijuca do Daflon e do Delson dá uma boa visão do segundo lance (o diedro).

No dia seguinte (27) voltamos na companhia do Tião para completar a empreitada... foram colocados os grampos definitivos e ao terminarmos o trabalho,

com um lanche na base onde se chega de rapel... Minchetti já estava olhando outras possibilidades de continuar o Bolha D’água (nome que ele achou para homenagear os principiantes do esporte). Fato que ocorreu em 1969, agora na companhia de seu eterno amigo Salomith Fernandes.

Roberto Schmidt de Almeida

...“Minchetti já estava olhando outras possibilidades de continuar o Bolha D’água (nome que ele achou para homenagear os principiantes do esporte). Fato que ocorreu em 1969, agora na companhia de seu eterno amigo Salomith Fernandes.”

Cheguei agora a pouco do enterro do Minchetti. Presentes grandes colegas seus de aventuras - Sebastião (Tião), Genoveva, Berardi...alguns não compareceram, outros já se foram.

Raimundo Luis Minchetti era em pessoa a figura da transição entre as Eras da Consolidação e a Moderna do montanhismo brasileiro. Seus mestres pertenceram à fase da consolidação, mas soube viver intensamente a moderna. Na longínqua década de 1950, já flertava com o que de mais novo acontecia com a escalada: novos materiais como pítons e cunhas de madeira e a escalada artificial. Foi assim na conquista do Paredão XV de novembro, usando cunhas de madeiras e pítons (sem grampos) e o Paredão Janio Quadros e Variante Central, ambas na Agulhinha do Inhangá (Copacabana) onde a escalada artificial no Brasil deu seus primeiros

passos.

Mas fez parcerias inesquecíveis com Salomyth Fernandes e Thiers Meirelles, conquistando belíssimas vias como os Paredões Lionel Terray (Pedra Bonita), Comicci (Dois Irmãos de Jacarepaguá) e a Chaminé Riccardo Cassin (São Pedro, PNSO). Era um montanhista completo – excelente escalador e mateiro além de um grande conquistador de vias de escaldas e de caminhadas.

Perdemos também um dos maiores especialistas em Serra dos Orgãos, Itatiaia, Floresta da Tijuca e que poucos sabem, das montanhas de Bariloche. Para nós, fica a história de um homem que viveu sua vida para as montanhas...

Waldecy Mathias Lucena



Cavalo Branco, 1958 Minchetti, Sobral e Buccheister (conquistador da Agulha do Diabo) e Alice M - Foto: Sobral Pinto

RAIMUNDO LUIZ MINCHETTI

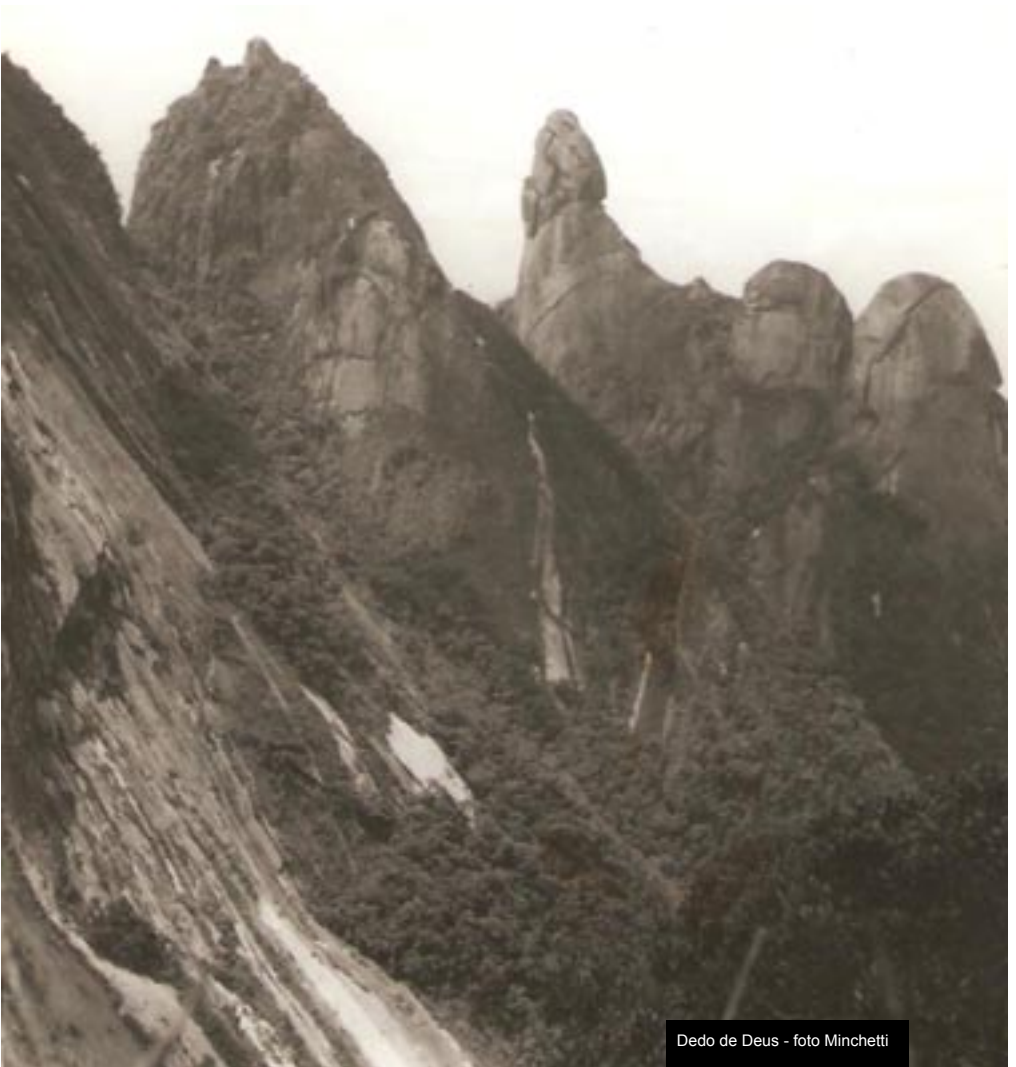
Raimundo Luiz Minchetti nasceu em 31/10 31, em Minas Gerais, onde passou uma parte de sua infância com seus pais D.Odette e Sr.Luiz e suas duas irmãs Maria da Penha e Maria Helena. Quando se mudaram para Petrópolis conheceu a Montanha e começou seu amor por ela, que durou até a sua morte. Mudando para o Rio de Janeiro começou suas atividades de montanhismo, conquistando paredões e abrindo novas rotas na Serra dos Órgãos, Itatiaia, Floresta da Tijuca, Pedra Branca, como também na Baía, Paraná e Bariloche entre outros. Fazia relatórios detalhados com croquis e fotos, entregues aos Clubes de Montanha CEB, CERJ ou CARIOCA, para que os outros guias pudessem conhecê-los. As conquistas não eram para ele eram para os outros. Organizou muitas excursões inéditas, que sempre atraíam muitos participantes. Teve grandes companheiros e amigos com os quais realizou muitas façanhas, alguns já partiram e outros ainda estão entre nós. Era tenaz, persistente, obstinado e duro consigo mesmo e por isto também exigente com os outros. A montanha com toda sua beleza, seus perigos e seus

desafios o moldou. Tornou-se um homem duro mas sensível e aberto para Deus. A montanha lhe deu muitos amigos e preencheu sua vida. Sempre dizia que queria morrer na montanha e Deus o atendeu e o chamou para junto de si, para continuar no céu suas caminhadas e escaladas.

Genoveva

Mensagem escrita por Maria Genoveva von Hubinger para o Minchetti e lida por ela por ocasião da missa rezada para ele.

...“conquistando paredões e abrindo novas rotas na Serra dos Órgãos, Itatiaia, Floresta da Tijuca, Pedra Branca, como também na Baía, Paraná e Bariloche entre outros.”



Dedo de Deus - foto Minchetti

“... O montanhista nato sabe o momento de se aproximar e juntar-se a nós. Ele virá porque ama os animais da floresta, a vegetação, os insetos, a sensação de tocar a terra com as mãos, por aceitar e enfrentar seus próprios desafios e, rincipalmente, sentir-se integrado no seu ambiente natural e não um mero visitante ou invasor.”

R. Minchetti

ERROS NA ESCALADA

FLÁVIO DAFLON

Alguns dos erros mais comuns e que podem causar acidentes numa escalada:

1. Uma má comunicação entre os escaladores pode levar o participante (segurador) a saltar a segurança do guia antes do tempo. O guia então se pendura na corda esperando ser travado e despenca. Lembre-se que uma boa comunicação é absolutamente essencial.
2. O guia cai e um participante desatento deixa a corda correr até o guia bater no chão. Isto não é difícil de acontecer quando o guia está em algum ponto entre o primeiro e o terceiro grampo da via e o segurador deixa a corda com uma barriga muito grande.
3. O participante dá segurança muito afastado da base da via e é arrastado para a parede com a queda do guia, adicionando mais corda a queda do mesmo, causando ferimentos no segurador e possivelmente a queda do guia até o chão.
4. O segurador arma o aparelho de segurança errado e não consegue deter a queda do guia (comum com o gri-gri). Check sempre.
5. O guia esquece de completar o nó de encordamento. Uma vez começado um nó, não permita que nada te distraia até que você tenha terminado o nó. Então confira para ver se está tudo certo.
6. O guia se desespera com uma queda eminente e cai sem controle. Tente manter

uma posição estável ao cair. E afaste a corda do seu calcanhar.

7. O guia ou o participante esquece de fazer a segunda passada na fivela do baudrier (muito comum). Check duplamente.
8. O guia passa a corda erradamente pelo mosquetão e ao cair a corda se desclipa. Preste atenção no sentido da corda sobre os mosquetões. Use mosquetões de rosca em pontos cruciais.
9. O mosquetão é forçado com a janela aberta e se parte. Tome cuidado com o posicionamento de seus mosquetões e troque-os quando estiverem extremamente usados.
10. A corda sai do top-ropo. Use sempre mosquetões de rosca ou dois mosquetões simples com janelas opostas.
11. O guia é descido, em top-ropo, com a corda deslizando por dentro de uma fita (e não um mosquetão). Seleção natural.

12. A ponta da corda passa pelo freio do participante enquanto o guia é descido, levando-o ao chão (mais comum do que se imagina). O simples encordamento do segurador evitaria este indesculpável erro.

Fique atento !

“Adaptado do Livro Advanced Rock Climbing da série How to Rock Climb.”
Extraído da Revista de Escalada Fator2.
Mais informações: companhia@guiadaurca.com ou no “site”
www.guiadaurca.com/companhia

Flavio Daflon

ACONTECE NO CERJ

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Após a “EXPOSIÇÃO: HUMOR NA FOTOGRAFIA” (Janeiro até Março), muito apreciada pelas suas “charges”, “sátiras” e “brincadeiras”, o nosso sócio-fotógrafo “SOBRAL PINTO”, está nos brindando, nesses meses de Abril e Maio de 2008 com fotos coloridas de um tema espetacular: “A ESCALADAAO K-2” (A montanha assassina), realizada pelo nosso alpinista brasileiro, o WALDEMAR NICLEVICZ, de Curitiba (PR), o qual já escalou também, por duas vezes, o Monte Everest (8.848 m de altitude), na Cordilheira do Himalaia, na Ásia.

O “SOBRAL” já realizou na data de agosto e setembro de 2005, uma “Exposição Fotográfica” em comemoração à 1ª escalada ao MONTE EVEREST, em nossa sede, com fotos fornecidas também pelo Waldemar Niclevicz.

O nosso “SOBRAL” recebeu do Waldemar Niclevicz um “CD” com as melhores fotos tiradas nessa escalada ao K-2 (8.611 m de altitude), cujo total ultrapassava a 50 (cincoenta) vistas, cada uma melhor que a outra.

O “SOBRAL”, não podendo exibir todas elas, escolheu e ampliou 36 fotos que ilustrarão essa grande “Exposição” sobre o K-2, dividida em duas etapas: uma em Abril e Maio (1ª parte) e outra em Junho e Julho (2ª parte).

Não percam de ver, através dessas lindas fotos, as dificuldades encontradas por qualquer alpinista nessa grande escalada.

A título de ilustração, informamos que o Waldemar Niclevicz publicou um livro denominado “Um sonho chamado K-2”, no qual descreve, com minúcias, as 3 tentativas para escalar essa montanha (a 2ª mais alta do planeta), com lindas fotos e diversos gráficos.

O CERJ EM ABRIL





Escaladas
Caminhadas
Cofraternizações
Reflorestamento
Junte-se a nós!



Centro Excursionista
Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela Lei
640 de 17/11/64 (D.O 01/12/64)

Sede própria: Av. Rio Branco, 277 / 805
Edifício São Borja - 20047-900
Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

Tel: 0 xx 21 2220-3548
www.cerj.org.br
cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:
Quintas-feiras a partir das 20:00 horas